

FEIRAS LIVRES E DESENVOLVIMENTO LOCAL: impactos socioeconômicos na Zona Leste de São Paulo

Adriana Marques Alves¹
Erika Mayumi Portes Sato¹
Marcela Moura dos Santos¹
Sarah Marques Jander Leme¹
Solange Pereira dos Santos Farah²

Resumo: Esta pesquisa investigou a influência socioeconômica das feiras livres na Zona Leste da cidade de São Paulo, destacando seu papel na geração de renda, na oferta de alimentos e na promoção da interação entre os residentes. Para alcançar os objetivos propostos, foram realizados questionários com feirantes e consumidores em duas feiras, Cidade Patriarca e Vila Nhocuné, e os resultados mostraram que os vendedores variam em idades, predominando aqueles com idades entre 26 e 60 anos, sendo a maioria com ensino médio completo e uma renda familiar que varia entre um e três salários mínimos. Além disso, observou-se uma baixa adesão aos programas de apoio oferecidos pela prefeitura, o que indica lacunas nas políticas públicas voltadas para esse segmento. Em relação aos consumidores, a maior parte está na faixa etária de 26 a 45 anos, mostrando uma variedade de níveis educacionais e de renda, predomina-se a visita semanal dos consumidores, atraídos principalmente por preços acessíveis, boa qualidade e frescor dos produtos, além da oportunidade de interação social. A pesquisa indica que as feiras livres têm uma função importante para o desenvolvimento local, unindo fatores econômicos e sociais.

Palavras-chave: abastecimento alimentar; comunidade; comércio popular.

1. INTRODUÇÃO

As feiras livres desempenham um papel importante na vida econômica e cultural das cidades brasileiras, pois funcionam como espaços tradicionais de comércio, ajudando a movimentar a economia local, oferecendo produtos frescos e servindo como pontos de encontro para a comunidade, além de contribuírem para a economia, essas feiras também preservam tradições culturais, fortalecem os vínculos sociais e se adaptam às mudanças das dinâmicas urbanas.

Informações recentes da Prefeitura de São Paulo revelam que a cidade possui 968 feiras livres registradas, as quais proporcionam aproximadamente 70 mil oportunidades de trabalho, tanto diretas quanto indiretas, e movimentam aproximadamente R\$2 bilhões anualmente (Prefeitura de São Paulo, 2024). Estima-se que aproximadamente 12 mil empreendedores atuem diretamente nessas feiras, com predominância nas faixas etárias entre 36 e 65 anos (PEGN, 2023). A Zona Leste, por sua vez, é a área mais densamente povoada da cidade, contando com

¹Graduanda do curso de Gestão Empresarial - EaD. Fatec São Paulo

²Professora Orientadora do curso de Gestão Empresarial - EaD. Fatec São Paulo

aproximadamente 4 milhões de residentes, e concentra 300 feiras livres, evidenciando seu papel estratégico na segurança alimentar e na geração de renda local (Nexo Jornal, 2024).

Além disso, as feiras livres estão diretamente relacionadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), especialmente a ODS 8, que busca promover crescimento econômico inclusivo, sustentável e trabalho decente. A Organização das Nações Unidas (2025) destaca que o fortalecimento das economias locais, por meio da valorização de atividades tradicionais como as feiras, é fundamental para o desenvolvimento de cidades mais justas, inclusivas e resilientes.

Diante desse contexto, esta pesquisa investigou a influência das feiras livres na economia local da Zona Leste de São Paulo, norteadas pela questão: De que maneira as feiras influenciam o progresso econômico e comunitário da região?

O estudo teve como objetivo analisar a influência socioeconômica das feiras livres na Zona Leste de São Paulo, considerando seu papel na geração de renda, no abastecimento alimentar e no fortalecimento comunitário, bem como discutir os desafios que esse modelo enfrenta frente às transformações do mercado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

As feiras livres representam uma expressão significativa da economia urbana informal e exercem papel relevante tanto no abastecimento alimentar quanto na dinâmica social das cidades, segundo Junqueira e Peetz (2015), essas feiras compõem parte essencial da paisagem simbólica e cultural da metrópole paulistana e essas feiras vão além da função comercial, sendo também espaços de socialização, reforço de identidades locais, preservação de práticas culturais e promoção de interações comunitárias.

Cruz et al. (2020), destacam que as feiras livres promovem interações sociais e movimentam a economia de pequenos comerciantes. Para além da comercialização, representam ambientes de troca de saberes, preservação cultural e fortalecimento comunitário. Castro Junior, Miranda e Silva (2014) destacam que, ao abrigarem múltiplas formas de trabalho informal, as feiras tornam-se espaços de resistência econômica e cultural, possibilitando a convivência de diferentes atores sociais e gerando oportunidades de renda para camadas populares com baixo acesso ao mercado de trabalho formal. Como ressaltam os autores, “as feiras livres são

espaços de múltiplas subjetividades e relações sociais” (Castro Junior; Miranda; Silva, 2014, p. 240).

Segundo Cruz et al. (2020), as feiras livres incluem a ação de vários atores, como os fornecedores e feirantes, que são os responsáveis por colocar os produtos nas mãos do consumidor final, atuando diretamente para o desenvolvimento socioeconômico (circuito de circulação de bens como produtos alimentares e de artesanato, criação de postos de trabalho, mesmo que na maioria dos casos informais, e fortalecimento da economia local). Nas comunidades com menos poder aquisitivo e nas regiões periféricas, as feiras representam uma alternativa significativa àquelas empreendidas tanto para o abastecimento, quanto para a geração de renda, além de um papel central no fortalecimento das relações comunitárias. Todavia, elas se deparam com obstáculos, como a concorrência com supermercados, atacados, varejos e plataformas digitais, além da necessidade de sempre se adaptar às mudanças do comportamento do consumidor e de se antecipar às necessidades de mercado.

2.1 Papel social e econômico das feiras

Segundo Cruz e Schneider (2022), as feiras livres desempenham um papel essencial na facilitação da inclusão social e no reforço do empreendedorismo local, ao facilitarem o acesso a alimentos frescos e regionais e estimularem o desenvolvimento territorial por meio de práticas baseadas em relações de confiança e normas comunitárias. De acordo com Araújo e Ribeiro (2023), essas estruturas têm o potencial de mitigar desigualdades socioeconômicas, desde que inseridas estrategicamente no planejamento urbano. Os autores enfatizam a necessidade de investimentos públicos em infraestrutura, capacitação e regulamentação como meios de garantir a sustentabilidade dessas atividades no longo prazo.

Dados do IBGE (2023) indicam que, em áreas periféricas como a Zona Leste de São Paulo, cerca de 35% do consumo semanal de hortifrutigranjeiros ocorre por meio das feiras livres, o que revela sua importância para a segurança alimentar de famílias de baixa renda. Além disso, o município de São Paulo contava, em 2022, com mais de 900 feiras registradas, número que vem se mantendo estável desde 2010, apesar da crescente concorrência com supermercados e aplicativos de entrega (IBGE, 2023).

De acordo com a Prefeitura de São Paulo (2018), as feiras livres existem na cidade desde o século XVII. Há registros de uma certa formalização dessas atividades em 1687, quando foi autorizada a venda de produtos como hortaliças, peixes e outros gêneros no Terreiro da Misericórdia (Junqueira; Peetz, 2015). Em 1914, a Feira Livre foi oficialmente criada pelo prefeito Washington Luiz P. de Souza (Prefeitura de São Paulo, 2025).

Além de seu papel econômico, estudos ressaltam que as feiras livres são patrimônios territoriais que resistem às mudanças sociais, mantendo práticas tradicionais e fortalecendo identidades culturais (USP, 2023).

2.2 Regulação e políticas públicas

A atividade das feiras livres na cidade de São Paulo é regulamentada por diversos decretos e leis, dentre eles a Lei Municipal nº 13.092/2000 e os Decretos nº 48.172/2007 e nº 58.153/2018, entre outros. Os decretos definem os critérios para a instalação, funcionamento e fiscalização das feiras, incluindo:

- **Infraestrutura:** a responsabilidade pela infraestrutura básica, assim como o fornecimento de eletricidade, água, instalação das barracas e fiscalização sanitária, é da Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal das Subprefeituras (Decreto nº 58.153/2018).
- **Limpeza e manutenção:** obrigatoriedade da limpeza da área pelos feirantes, além da coleta e varrição sob responsabilidade da prefeitura após o término das atividades.
- **Seleção dos locais:** feita com base em estudos técnicos da Secretaria Municipal das Subprefeituras, que avalia fatores como densidade populacional, zoneamento e impacto no trânsito (Decreto nº 48.172/2007).
- **Licenciamento:** exige documentação cadastral e pagamento de taxas destinadas à Prefeitura do Município de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal das Subprefeituras. Esses valores são recolhidos como preço público pelo uso do espaço público, observando-se a legislação municipal, sanitária, de uso do solo e de segurança alimentar (Lei nº 13.092/2000; Decreto nº 58.153/2018).
- **Dias e horários de funcionamento:** definidos conforme limites estipulados por região.

2.3 Iniciativas de apoio e modernização

Com o objetivo de facilitar a formalização e a gestão dos trabalhadores autônomos do comércio popular, a Prefeitura de São Paulo criou em 1º de julho de 2019 a plataforma “Tô Legal!”, por meio da plataforma, o feirante realiza o cadastro digitalmente, obtendo autorização temporária, de até 90 dias, para atuar em determinados espaços públicos, conforme critérios pré-estabelecidos (Prefeitura do Município de São Paulo, 2019). Segundo dados divulgados pela Prefeitura do Município de São Paulo (2019), até agosto de 2019, mais de 1.800 autorizações haviam sido emitidas por meio do sistema, demonstrando sua relevância na formalização das atividades econômicas de rua desde seu lançamento. Conforme informações da Prefeitura de São Paulo (2022), o sistema “Tô Legal!”, é responsável pelo controle das operações nas vias públicas, possibilitando mais transparência, organização e planejamento das políticas voltadas para o comércio popular.

O PROCON-SP (2024) também tem atuado nas feiras livres por meio da elaboração de relatórios comparativos de preços de produtos hortifrutigranjeiros, com base em levantamentos semanais. Esses relatórios oferecem aos consumidores uma referência para o consumo consciente e orientam sobre os direitos estabelecidos no Código de Defesa do Consumidor.

O SEBRAE-SP (2024), por sua vez, desenvolve programas de capacitação como o *Feira Moderna*, com foco na gestão financeira, atendimento ao cliente e inovação na exposição dos produtos. Essa iniciativa busca profissionalizar os feirantes, melhorar a qualidade dos serviços prestados e potencializar os resultados econômicos das feiras SEBRAE-SP (2024).

3. METODOLOGIA

A pesquisa baseou-se em uma abordagem exploratória, combinando métodos qualitativos e quantitativos, a fim de proporcionar uma análise detalhada e aprofundada sobre os impactos socioeconômicos das feiras livres. Utilizou-se dados primários coletados por meio de questionários semiestruturados aplicados a feirantes, trabalhadores e consumidores.

Foram elaborados dois questionários distintos: um voltado para feirantes e trabalhadores, abordando perfil socioeconômico, condições de trabalho, infraestrutura, desafios e relação com a comunidade; e outro direcionado a

consumidores e moradores, focando em hábitos de consumo, frequência nas feiras, critérios de escolha dos produtos e percepção da importância social e econômica das feiras.

A coleta de dados ocorreu em duas feiras na Zona Leste de São Paulo, sendo elas na Cidade Patriarca e na Vila Nhocuné. No total, foram obtidos 92 questionários, resultando em 30 respostas de feirantes e 62 de consumidores.

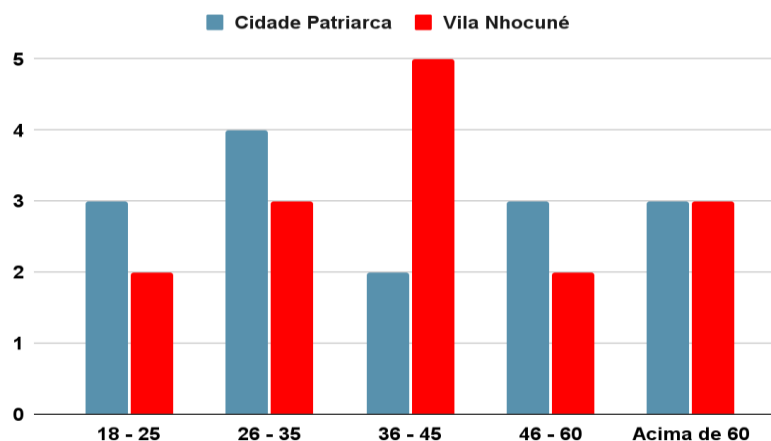
Os dados coletados foram organizados e analisados de forma comparativa, permitindo identificar convergências e divergências entre as duas localidades. As respostas fechadas foram submetidas a análises estatísticas simples, consistindo na elaboração de gráficos que permitiram visualizar de forma clara e objetiva a distribuição das respostas, facilitando a comparação entre os contextos analisados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Feirantes

Observa-se na Figura 1 que a maioria dos feirantes da Zona Leste de São Paulo (Vila Nhocuné e Cidade Patriarca) tem entre 26 e 60 anos, com média de 41 anos na Cidade Patriarca e 42 anos em Vila Nhocuné. Na Vila Nhocuné, destaca-se a faixa de 36 a 45 anos, que concentra o maior número de trabalhadores. Na Cidade Patriarca, a distribuição é mais equilibrada entre as faixas etárias, com presença significativa de jovens de 18 a 25 anos, adultos de 26 a 35 anos e de 46 a 60 anos. Esses resultados mostram que as feiras livres reúnem profissionais de diferentes gerações, funcionando como importante espaço de inclusão produtiva para jovens, adultos e pessoas mais velhas.

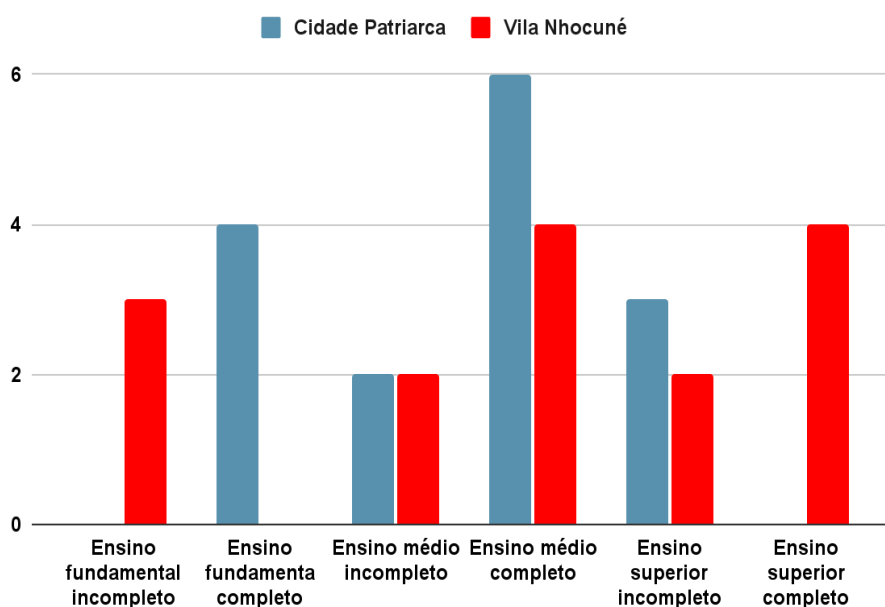
Figura 1 - Distribuição dos feirantes por faixa etária



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A Figura 2 apresenta a distribuição dos feirantes por escolaridade entre os bairros, na Cidade Patriarca, observa-se a predominância do ensino médio completo, seguido por fundamental completo e superior incompleto, e na Vila Nhocuné, a presença é maior entre os feirantes com ensino superior completo e nota-se maior diversidade nos níveis de instrução, incluindo fundamental incompleto. Esses dados indicam que as feiras funcionam como espaços de inserção econômica acessíveis a trabalhadores com diferentes níveis educacionais, reunindo principalmente pessoas com ensino médio completo.

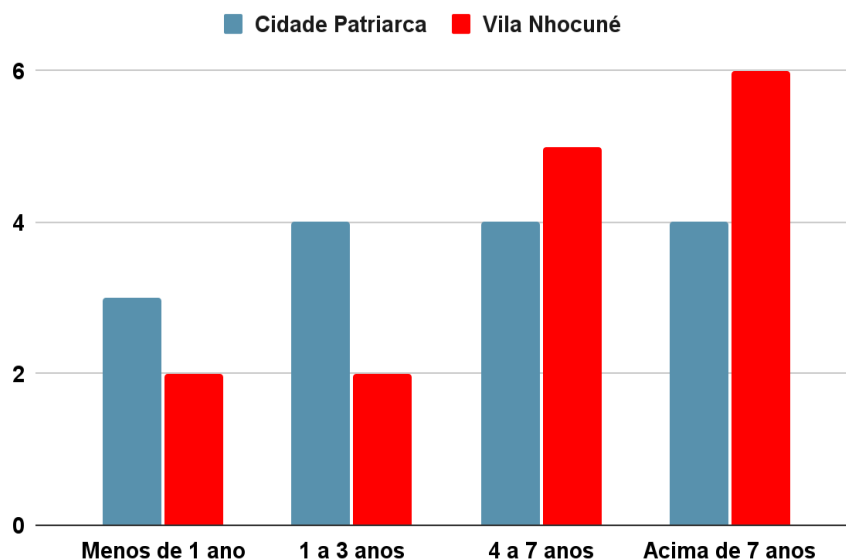
Figura 2 - Distribuição dos feirantes por escolaridade



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A Figura 3 mostra que muitos feirantes permanecem na atividade por longos períodos, indicando estabilidade relativa e consolidação da ocupação como profissão de longo prazo. Em Vila Nhocuné, predomina o grupo com mais de sete anos de atuação, com seis feirantes nessa categoria, o que sugere maior vínculo histórico com a atividade. Já na Cidade Patriarca, observa-se uma distribuição mais equilibrada: três feirantes atuam há menos de um ano, quatro entre 1 e 3 anos, quatro entre 4 e 7 anos e quatro há mais de sete anos. Esses dados mostram que a feira favorece a continuidade profissional e o fortalecimento dos vínculos comunitários.

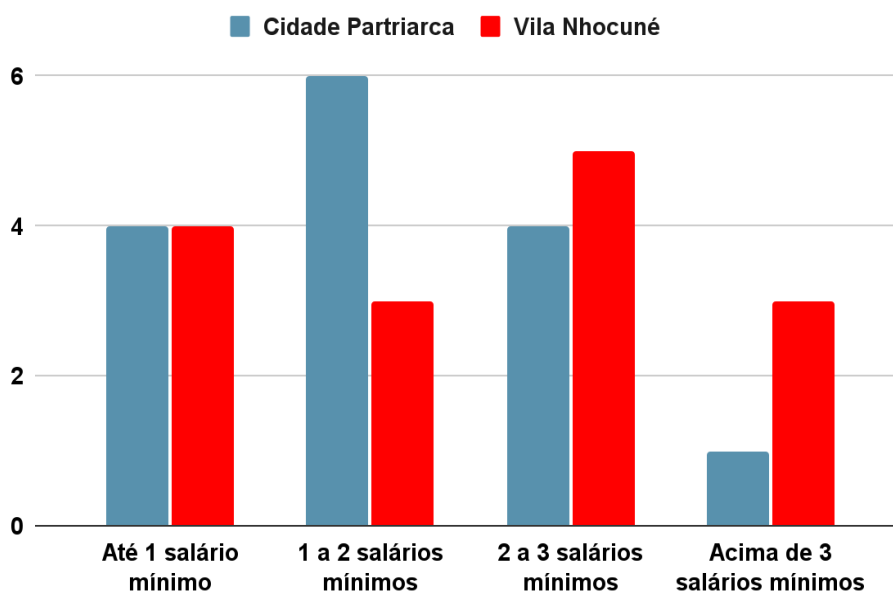
Figura 3 - Distribuição por tempo que os feirantes atuam na feira



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Na Figura 4, observam-se variações na renda familiar dos feirantes nos bairros pesquisados, em Vila Nhocuné há maior concentração de trabalhadores com renda entre 2 e 3 salários mínimos, enquanto na Cidade Patriarca predomina a faixa de 1 a 2 salários mínimos. De modo geral, os dados revelam que os feirantes possuem rendimentos modestos, o que reforça a importância das feiras como principal fonte de sustento para muitas famílias.

Figura 4 - Distribuição dos feirantes por renda familiar



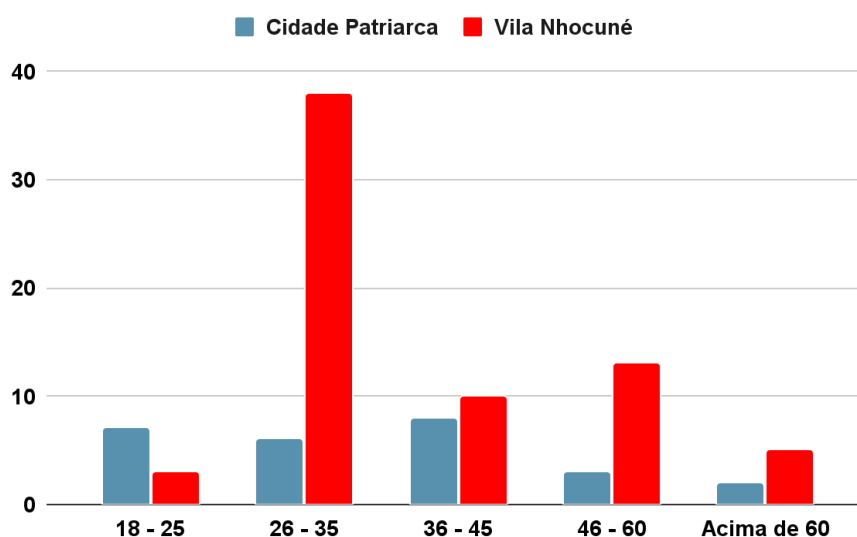
Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A análise dos dados revela baixa adesão dos feirantes aos programas municipais, como “Tô Legal!” – Prefeitura de São Paulo, programas de credenciamento municipal e liberação de rodízio para feirantes. A maioria dos feirantes nos bairros pesquisados não participa dessas iniciativas: em Cidade Patriarca, apenas 4 participaram, contra 11 que não participaram; em Vila Nhocuné, 5 participaram e 10 não. Esses dados sugerem fragilidades na comunicação ou na efetividade das políticas públicas voltadas para o setor.

4.2 Consumidores

Na Figura 5, observa-se que a maior parte dos consumidores das feiras de Cidade Patriarca e Vila Nhocuné encontra-se na faixa etária de 26 a 35 anos. Em Vila Nhocuné, esse grupo se destaca, enquanto em Cidade Patriarca há distribuição mais equilibrada entre as idades, com maior destaque para o grupo de 36 a 45 anos, já as faixas de 18 a 25 e acima de 60 anos apresentam menor representatividade, indicando que as feiras atraem, sobretudo, pessoas em idade economicamente ativa.

Figura 5 - Distribuição dos consumidores por faixa etária

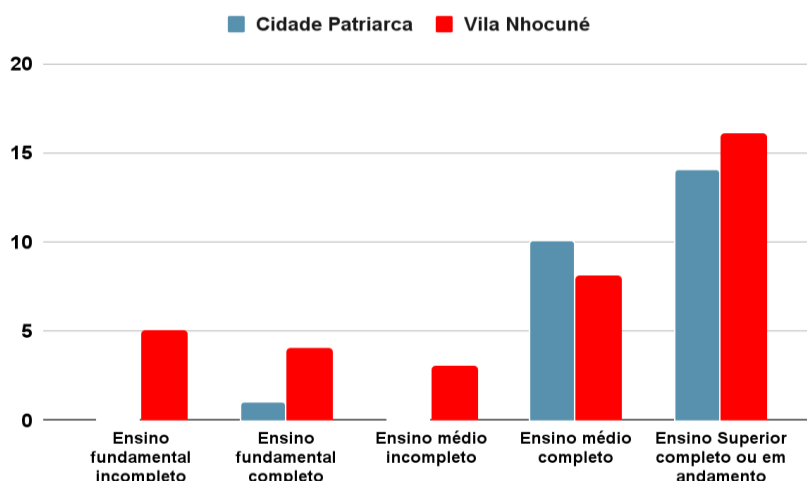


Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Na Figura 6, mostra que a maioria das pessoas que frequentam as feiras livres têm ensino superior completo ou está fazendo faculdade, esse é o grupo que mais aparece nas duas feiras, com uma pequena vantagem em Vila Nhocuné, logo depois vem o grupo com ensino médio completo, que também tem boa participação, por

último, em menor quantidade, estão os consumidores com ensino médio incompleto e ensino fundamental completo ou incompleto, mostrando que as feiras recebem pessoas com diferentes níveis de estudo.

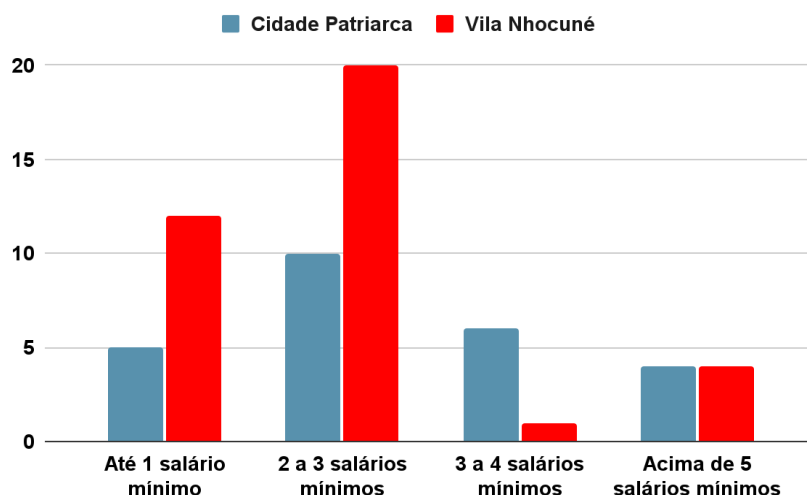
Figura 6 - Distribuição dos consumidores por escolaridade



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A Figura 7 mostra diferenças na renda dos consumidores das feiras da Cidade Patriarca e da Vila Nhocuné. Em Vila Nhocuné, a maior parte tem renda entre 2 e 3 salários mínimos, enquanto na Cidade Patriarca há maior diversidade, com presença equilibrada de consumidores nas faixas de até 1, de 2 a 3 e de 3 a 4 salários mínimos. Isso demonstra que as feiras atraem públicos de diferentes condições financeiras, mantendo-se como espaços acessíveis à população.

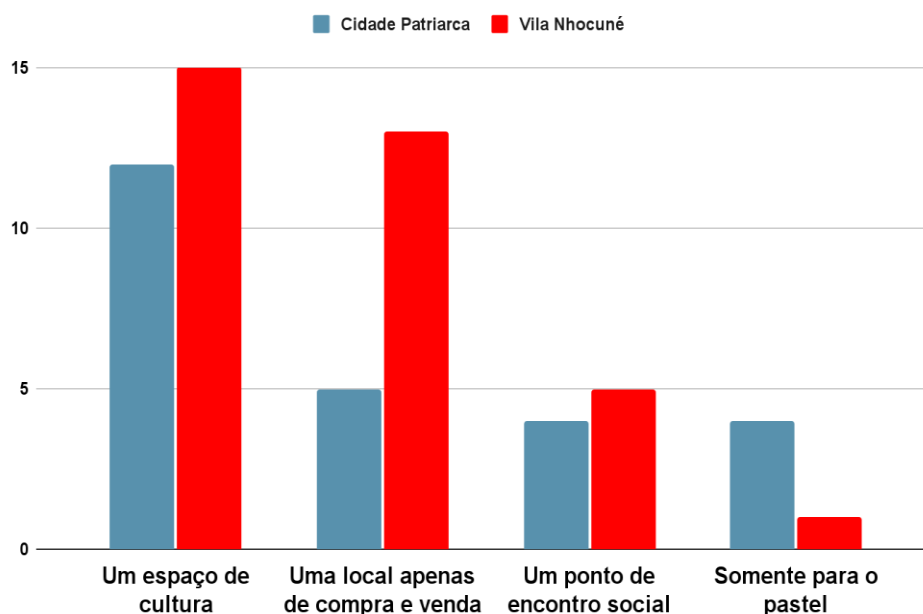
Figura 7 - Distribuição dos consumidores por renda familiar



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

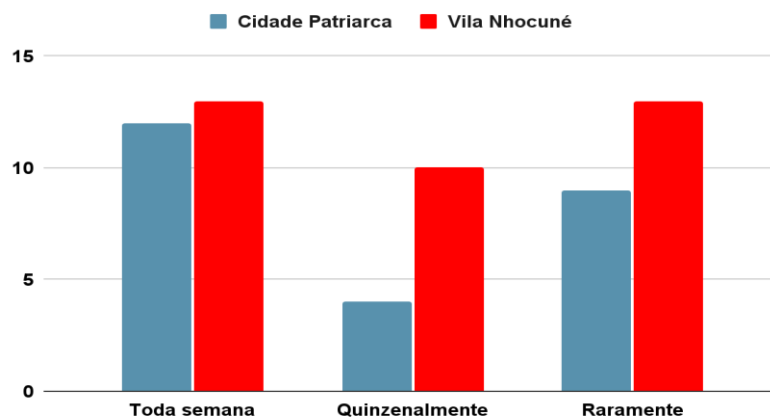
A Figura 8 mostra que a feira, em sua maioria, é considerada pelos consumidores como um espaço cultural, sendo essa a resposta predominante em ambas as regiões, e na Vila Nhocuné muitos consumidores a consideram também como um lugar de compra e venda, enquanto na Cidade Patriarca essa visão aparece com menos frequência, por sua vez, percebe a feira como um espaço de convivência social, o que reforça seu papel como espaço de convivência entre os moradores. Além disso, alguns ressaltam o lado gastronômico, como o costume de comer pastel.

Figura 8 - Percepção dos consumidores sobre a Feira Livre



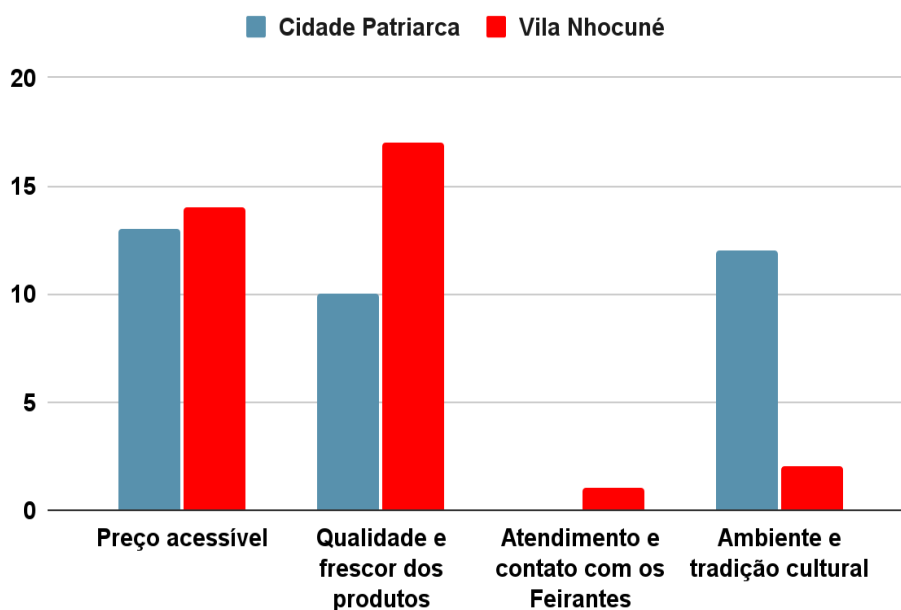
Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A Figura 9 indica que, na Cidade Patriarca, a maior parte dos frequentadores visita a feira semanalmente. Na Vila Nhocuné a frequência é mais distribuída, além de uma presença semanal relevante, há também proporções expressivas de consumidores que vão quinzenalmente ou raramente, o que aponta relações distintas entre comunidade e feira nas duas localidades.

Figura 9 - Distribuição da frequência dos consumidores nas feiras

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

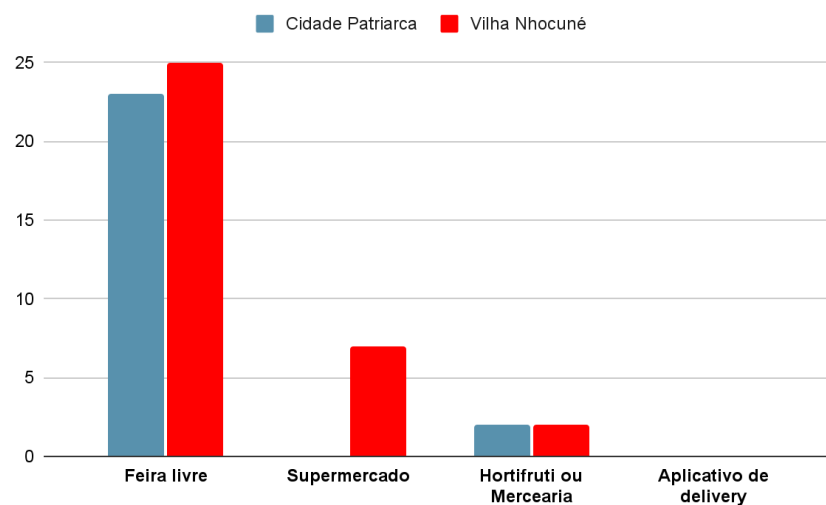
A Figura 10 revela que as principais razões dos consumidores frequentarem as feiras são: preço acessível e qualidade e frescor dos produtos. Contudo, na Vila Nhocuné prioriza a qualidade e frescor dos produtos, enquanto na Cidade Patriarca equilibra qualidade e preço com o ambiente e tradição cultural, evidenciando o valor comunitário da feira nesta. Por outro lado, o atendimento e o contato com os feirantes têm pouca ou nenhuma influência na escolha dos consumidores em ambas as localidades.

Figura 10 - Distribuição dos motivos dos consumidores a ir às feiras

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

De acordo com a Figura 11, observa-se que a feira livre é o principal local de aquisição de produtos em ambas as regiões analisadas. O supermercado aparece em segundo lugar, sendo mencionado apenas pelos consumidores da Vila Nhocuné. Já os hortifrutis e mercearias apresentam baixa procura, enquanto o uso de aplicativos de delivery é inexistente. Esses resultados indicam que a compra direta com os feirantes permanece como a preferência predominante entre os consumidores.

Figura 11 - Preferência de local de compra dos consumidores



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou que as feiras livres da Zona Leste de São Paulo, localizadas nos bairros Cidade Patriarca e Vila Nhocuné, cumprem um papel que vai muito além da simples comercialização de alimentos. Elas são parte do dia a dia dos moradores e funcionam como espaços de convivência, trabalho e cultura. É nesses locais que as pessoas se reúnem, compartilham experiências e mantêm tradições que perduram ao longo das gerações.

Entre os feirantes, a maioria tem entre 26 e 60 anos, com média de idade em torno de 41, essa diversidade mostra que a feira reúne pessoas em diferentes fases da vida e trajetórias variadas. A maior parte concluiu o ensino médio, o que demonstra que, mesmo com certo nível de escolaridade, ainda há dificuldade em conquistar estabilidade no mercado formal, e assim, o trabalho na feira surge como uma alternativa de renda autônoma e digna, especialmente para quem encontra barreiras por causa da idade ou da falta de oportunidades, e em muitos casos, a renda obtida,

geralmente entre um e três salários mínimos, é a principal fonte de sustento da família. Outro ponto importante é que vários feirantes mantêm suas barracas há muitos anos, o que mostra que a feira não é apenas um meio temporário de trabalho, mas uma escolha de vida.

Mesmo com a existência de programas municipais voltados ao setor, a adesão ainda é baixa: apenas 26,7% na Cidade Patriarca e 33,3% na Vila Nhocuné. Esses números indicam que, embora haja iniciativas públicas, poucas pessoas conseguem participar ou se beneficiar delas. Além disso, a infraestrutura oferecida é limitada. Na prática, o apoio do poder público costuma restringir-se à limpeza das vias após o encerramento das atividades. Melhorias como manutenção das bancas, coberturas ou reformas ficam a cargo dos próprios feirantes, o que os torna mais vulneráveis, especialmente em dias de chuva, quando o movimento diminui e o prejuízo aumenta. Essa falta de estrutura afeta tanto os trabalhadores quanto os consumidores, reforçando a necessidade de políticas públicas mais eficazes.

O perfil dos consumidores também ajuda a entender por que as feiras continuam tão presentes na vida das pessoas. A maioria tem entre 26 e 45 anos e renda de um a quatro salários mínimos. Mesmo com a popularização das compras online e dos aplicativos de entrega, essas pessoas ainda preferem comprar diretamente na feira. Além dos preços e da qualidade dos produtos, o contato com os feirantes e a liberdade de escolher pessoalmente o que levar são fatores que fazem a diferença. A feira proporciona um ambiente de convivência e pertencimento que o meio digital não substitui.

Conclui-se que as feiras livres da Zona Leste mantêm sua relevância, preservando sua importância econômica e social ao mesmo tempo que as feiras asseguram o sustento de diversas famílias e mantêm as tradições culturais que conferem identidade à comunidade, e apesar das mudanças nos padrões de consumo, eles continuam se ajustando e resistindo às transformações. Para preservar isso, é essencial reforçar o apoio público, investir em infraestrutura e valorizar o comércio popular, e para estudos futuros podem expandir essa pesquisa para outras áreas, ajudando a entender melhor o papel das feiras livres na cidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alexandro Moura; RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Iniciativas governamentais de apoio e fortalecimento às feiras livres brasileiras**. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/77490>. Acesso em: 17 mar. 2025.

CASTRO JUNIOR, Luís Vitor; MIRANDA, Eduardo Oliveira; SILVA, Hellen Mabel Santana. **Feira livre enquanto espaço de sociabilidade, trabalho e cultura: tramas e subjetividades na Feira de Acari**. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas, Vitória da Conquista, n. 18, p. 237–290, 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/236652704.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2025.

CRUZ, Maria Sirlene da; RIBEIRO, Eduardo Magalhães; PERONDI, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Daniel Coelho de; COSTA, Heloísa de Moura. **Agricultura familiar, feiras livres e feirantes do Alto Jequitinhonha**. Revista Campo-Território, Uberlândia, v. 15, n. 35 Abr., p. 90–120, 2020. DOI: 10.14393/RCT153504. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/50709>. Acesso em: 30 mai. 2025.

CRUZ, Maria Sirlene da; SCHNEIDER, Sergio. **Feiras alimentares e mercados territoriais: a estrutura e o funcionamento das instituições de ordenamento das trocas locais**. Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas, v. 42, n. 1, p. 93–113, 2022. Disponível em: <https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/769>. Acesso em: 30 mai. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa de orçamentos familiares (POF) 2022-2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/46/0>. Acesso em: 17 abr. 2025.

JUNQUEIRA, Hélio; PEETZ, Marcia. **100 anos de feiras livres na cidade de São Paulo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/paladar/comida/historia-das-feiras-livres-de-sao-paulo-e-tema-de-novo-livro/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

NEXO JORNAL. **A Zona Leste é a região mais populosa de São Paulo**. São Paulo, 21 mar. 2024. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2024/03/21/sao-paulo-populacao-zona-leste-zona-mais-populosa>. Acesso em: 28 mai. 2025.

ONU. **Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 8: Trabalho decente e crescimento econômico**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/8>. Acesso em: 27 abr. 2025.

PEGN – Pequenas Empresas & Grandes Negócios. **Feiras livres de SP sobrevivem ao tempo e trazem renda para 12 mil empreendedores**. Revista PEGN, 21 ago. 2023. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/empreendedorismo/noticia/2023/08/feiras-livres-de-sp-sobrevivem-ao-tempo-e-trazem-renda-para-12-mil-empreendedores.ghtml>. Acesso em: 28 mai. 2025.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Feiras Livres: Saiba onde encontrar a feira livre mais perto de você.** Portal da Prefeitura de São Paulo, 07 jan. 2025. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/abastecimento/w/noticias/294187>. Acesso em: 22 mai. 2025.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **História das Feiras Livres. Secretaria Executiva de Segurança Alimentar e Nutricional e de Abastecimento.** 3 de mai. 2018. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/abastecimento/w/seguranca_alimentar/feiras_livres/6637. Acesso em: 23 mai. 2025.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **“Tô legal!” passa a atender trabalhadores das feiras livres, mercados, sacolões e centrais de abastecimento municipais.** *Portal da Prefeitura de São Paulo*, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/w/noticia/201cto-legal-201d-passa-a-atender-trabalhadores-das-feiras-livres-mercados-sacoloes-e-centrais-de-abastecimento-municipais>. Acesso em: 30 mai. 2025.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **“Tô legal!”: programa emite quase duas mil autorizações para comércio em vias públicas em um mês.** *Prefeitura de São Paulo – Subprefeitura Cidade Ademar*, 2 ago. 2019. Disponível em: https://capital.sp.gov.br/web/cidade_ademar/w/noticias/97126. Acesso em: 22 mai. 2025.

PROCON-SP. **Relatório de preços de hortifrútis em feiras livres e supermercados.** São Paulo: Procon-SP, 2024. Disponível em: <https://www.procon.sp.gov.br/de-olho-no-preco>. Acesso em: 17 abr. 2025.

SÃO PAULO (Município). **Decreto nº 48.172, de 06 de março de 2007.** Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/decreto/2007/4817/48172/decreto-n-48172-2007-dispoe-sobre-o-funcionamento-das-feiras-livres-no-municipio-de-sao-paulo>. Acesso em: 30 mai. 2025.

SÃO PAULO (Município). **Decreto nº 58.153, de 22 de março de 2018.** Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-58153-de-22-de-marco-de-2018/consolidado>. Acesso em: 16 abr. 2025.

SÃO PAULO (Município). **Lei Municipal nº 13.092, de 10 de janeiro de 2000.** Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-13092-de-07-de-dezembro-de-2000>. Acesso em: 16 abr. 2025.

SEBRAE. **Programa Feira Moderna: capacitação para feirantes.** São Paulo: Sebrae-SP, 2024. Disponível em: <https://feiradoempreendedor.sebraesp.com.br>. Acesso em: 17 abr. 2025.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP. **Feira livre é um patrimônio territorial que sobrevive às mudanças.** *Jornal da USP*, 4 abr. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/feira-livre-e-um-patrimonio-territorial-que-sobrevive-as-mudancas>. Acesso em: 28 mai. 2025.